

MARTE VIVA

Director (interino): ANTONIO SANTOS

SEMANÁRIO

ANO II — N.º 83 — Preço 5\$00 — 9/2/78

DE SEMANA A SEMANA

O Governo que eles quiseram

Quase quatro anos decorridos depois daquela madrugada de Abril (lembra-se?), depois de sete governos formados, «mexidos» e dissolvidos, depois de um ano de revolução, outro de indecisão e dois de Constituição, este governo 75% P.S. e 25% C.D.S. é qualquer coisa de inexplicável em termos de negócios políticos internos.

Façamos um esforço para nos confinarmos às nossas fronteiras e perguntemos: mas afinal quem apoia este governo? Vejamos por partes e talvez cheguemos a um beco sem saída.

Não gostarão de tal governo os socialistas dignos desse nome, a quem custa muito naturalmente a engolir a receita. Também as bases «centristas» não apareceram a bater palmas e mesmo a habilidade do dr. Amaro da Costa não os conseguiu convencer totalmente a aceitar a «mistura». Do P.S.D. nem se fala, «chateado» como está de não ter entrado no comboio. Os comunistas não estão também nada pelos ajustes, mas por razões diversas.

Fora da A. R., os trabalhadores e as suas organizações (a C. G. T. P., nomeadamente) já deram a resposta. Do outro lado, do patronato, a C. I. P. não esconde a sua indignação pelo abandono a que foi votado o P.P.D.. Até a C.A.P. de que se conhece a simpatia pelo C.D.S., dá sinais de «indisciplina».

Enfim, se este governo não poderia merecer a mínima confiança dos trabalhadores, também as organizações dos patrões e latifundiários não estão contentes, ou melhor, ainda não estão contentes.

Não resta assim muita gente para apoiar este governo, que se constitui legalmente, mas que deveria ter a preocupação de sentir o apoio de algo mais do que a lei e a A. R.. Parece portanto que (a menos que haja alguma surpresa) a base social de apoio deste governo se resumirá aos dirigentes e deputados do P. S., aos dirigentes e deputados do C. D. S. e à «importante» organização política que é o P.C.P. - M.L. que assim insiste em dar uma contribuição humorística ao panorama político nacional.

É muito pouco para que os

continua na página 6

VENDER MELHOR E MAIS BARATO

«O que é uma cooperativa de consumo? É uma chave contra a inflação, a subida do custo de vida, a especulação. Uma cooperativa significa sempre união. A cooperativa de consumo é um «abrigo». Comprando directamente teremos: melhor qualidade, mais higiene, peso certo, melhor preço».

Isto se dizia num panfleto distribuído no ano passado por uma Comissão pró-Cooperativa, a dar os seus primeiros passos em Espinho e, a tentar assim despertar o interesse de muita gente, dos consumidores em geral, para um projecto que, se já então se mostrava necessário, não perdeu até hoje nenhuma actualidade.

E recentemente temos dado notícia da realização de algumas assembleias para a aprovação dos estatutos da futura cooperativa, a provar que a iniciativa não morreu, antes vai ganhando cada vez mais força. Para podermos levar até aos nossos leitores uma ideia mais exacta de qual a situação actual da formação da cooperativa, conversámos com os elementos que compõem a Comissão pró-Cooperativa, os senhores Casal Ribeiro, Fernando Meneses, Dias Carneiro, João Carapeto e Olindo Moutinho.

M. V. — Como e quando surgiu a ideia de se organizar uma cooperativa de consumo em Espinho?

Casal Ribeiro — A ideia já surgiu há mais de um ano. Fizeram-se várias reuniões alargadas para vermos melhor o interesse, a conveniência de uma iniciativa destas. E foi a partir de uma dessas reu-

niões que se formou um grupo mais pequeno encarregado de fazer avançar a ideia. É a actual Comissão pró-Cooperativa, que desde então promoveu várias sessões para divulgação dos ideais cooperativistas e elaborou uma ficha-inquérito que, distribuída de porta em porta e em fábricas, nos

permitiu recolher um significativo número de respostas e aperceber melhor o interesse por uma iniciativa destas.

M. V. — Satisfeitos e, até, estimulados pela adesão das pessoas?

O. Moutinho — Sim, embora essa adesão não fosse imediata e

continua na página 5

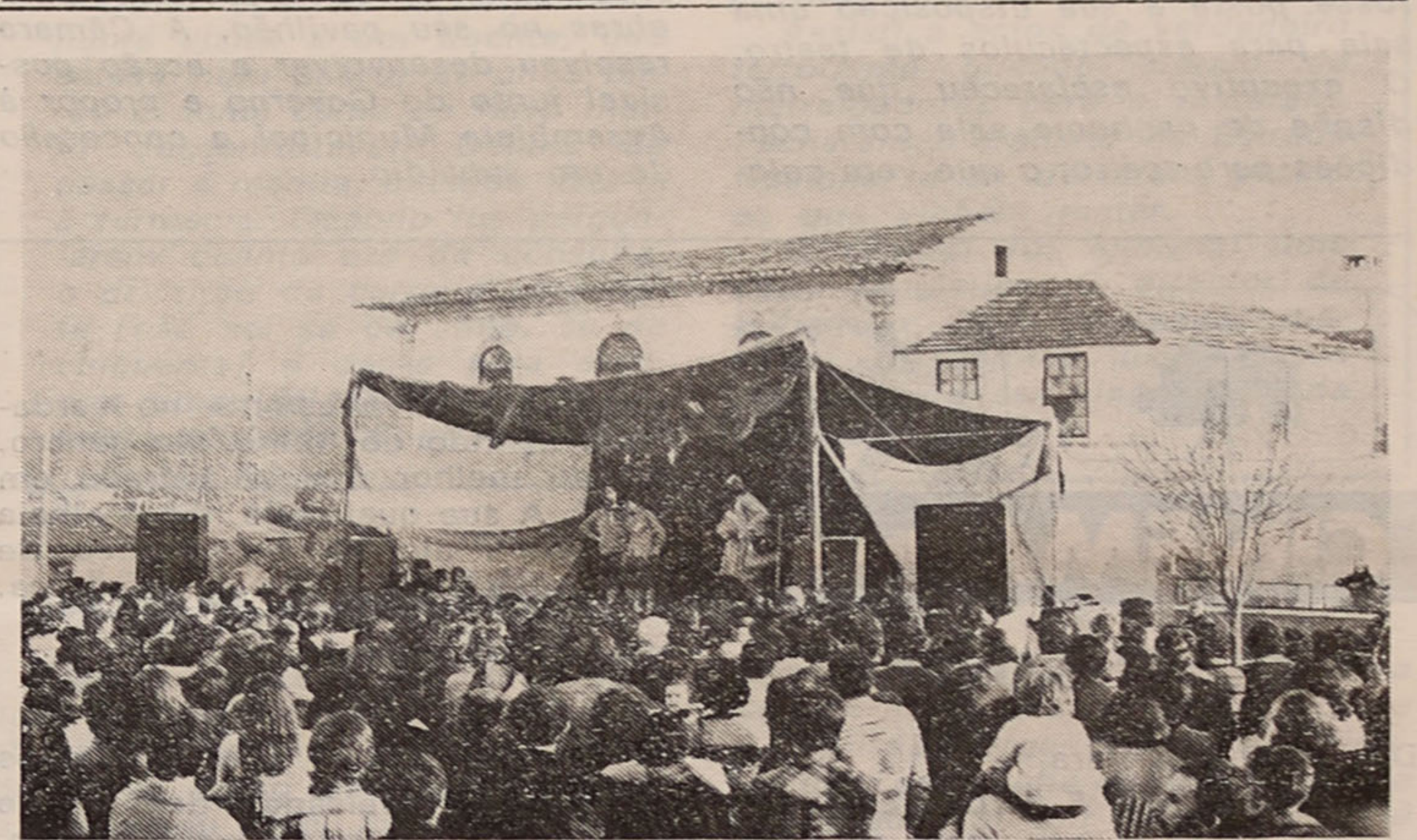


IMAGEM DA FESTA-EVOCAÇÃO

Homenagem ao Dr. Ferreira Soares
LEIA NA PÁGINA TRÊS

Gestão do Liceu reconhece grupo provocador

É verdade. Ao que parece sem se ter debruçado sobre os seus objectivos, a Gestão do Liceu de Espinho «legalizou» ali um movimento autodenominado Núcleo de Intervenção Estudantil Anti-Comunista. E não foi sem dificuldades que acabamos por acreditar que um cartaz da responsabilidade desses meninos terá sido afixado, com a autorização da Gestão no passado dia 28.

Para que o leitor possa avaliar a gravidade do assunto, resolvemos fornecer-lhe alguma da documentação que possuímos sobre as actividades dos bandos neo-nazis no nosso liceu. Esperamos assim dar

continua na página 5

NA PÁGINA DOIS

REUNIÃO DA CÂMARA:
Aprovado superiormente local
do complexo desportivo

Direcção da Académica insiste

É conhecido o horror que a actual direcção da Associação Académica de Espinho revela perante actividades de interesse cultural. Essa quase «fobia», esse «medo» primário que ficou para sempre gravado na frase do general hitleriano que dizia «quando ouço a palavra cultura puxo da pistola», levou os responsáveis por um clube que sempre se deu a conhecer como associação recreativa e cultural a extinguirem a activa secção

cultural então existente na Académica e a pôr na rua cerca de 8 dezenas de jovens ligados a várias actividades culturais.

E, a provar que continuam coerentes com a decisão então tomada, os directores da Académica tomaram recentemente uma atitude que bem os define e não deixará de merecer o desgosto de muitos associados. Acontece que através do seccionista responsável pela secção de Ginástica do clube

continua na página 6

NOTÍCIAS

REUNIÃO DA CÂMARA

Local do complexo desportivo aprovado superiormente

O facto mais saliente da última reunião da Câmara foi, sem dúvida, a informação de que o Ministério da Habitação e Urbanismo aprovou a localização do futuro complexo desportivo, o que não deixará por certo de desanimar um pouco as manobras subterrâneas que a vários níveis se têm desenvolvido para que fosse escolhido outro terreno. A Câmara deliberou entretanto proceder às diligências necessárias, incluindo o processo de expropriação por utilidade pública dos terrenos em causa.

Foi também dado conhecimento dum pedido do INATEL para que fosse posta à sua disposição uma sala para espectáculos de teatro. O executivo esclareceu que não dispõe de nenhuma sala com condições para teatro, o que vem colo-

car mais uma vez a necessidade de um Teatro Municipal.

Importante foi também uma outra comunicação da Direcção de Urbanização de Aveiro que autorizou que o terreno compreendido entre as ruas 19, 15, 26 e 28 fosse destinado a escolas primárias, pelo que o executivo deliberou proceder à afectação de todo o terreno que surge assim em alternativa a um em frente ao Colégio de S. Luís e que foi entretanto destinado ao novo posto dos C. T. T.

Deu igualmente entrada na Câmara um pedido da Associação Académica para que fosse considerada uma ajuda monetária para obras no seu pavilhão. A Câmara resolveu desenvolver a acção possível junto do Governo e propor à Assembleia Municipal a concessão de um subsídio.

Última hora

Chegou à C. M. E., no passado dia 3, um ofício da C. P., que vem abrir novas e importantes perspectivas para a urbanização do concelho, libertando uma vasta área até agora interdita à construção. Sem prejuízo de posterior tratamento deste assunto, aqui fica para já o teor do ofício:

Acusamos recepção do v/ ofício de 4 de Janeiro último, transcrevendo uma proposta da Assembleia Municipal de Espinho relativa à desafectação dos terrenos hoje cativos para a chamada «variante de Espinho».

Tenho a honra de informar V. Ex.ª que nesta data iniciamos contactos com a DGTT manifestando posição favorável na generalidade à pretensão da Assembleia Municipal de Espinho, já que a sua concretização dependerá do Decreto e a questão terá assim de ser accionada pela referida Direcção Geral.

Federação Portuguesa de Cineclubes

Plenário Nacional em Coimbra

Os nossos leitores estarão lembrados da realização em Espinho, em Novembro passado e por alturas do CINANIMA 77, do 9.º Encontro Nacional de Cineclubes. Nesse encontro, como então noticiámos, foi aprovada a proposta de formação imediata da Federação Portuguesa de Cineclubes: «O Cineclubista do Norte espera que a Federação seja a expressão da união dos cineclubes portugueses em ordem a concretizarem a sua principal tarefa comum que é, fundamentalmente, a promoção cultural das populações que possam abranger, através do cinema, dentro da tradição democrática e progressista do Movimento Cineclubista Português».

Assim terminava a Afirmação de Princípios da proposta aprovada. Assim começava todo um trabalho, voltado para três grandes objectivos: 1) Elaboração e aprovação dos Estatutos da Federação; 2) Eleição duma Direcção; 3) Revogação do Decreto-lei n.º 40.572 de 16 de Abril de 1956, da responsabilidade dos homens-de-mão do «estado novo», por sugestão de oportunistas, autênticos piolhos de carreira, que ainda hoje não abandonaram as lides, para desgraça do movimento cineclubista.

Marcado no Encontro de Espinho para Lisboa, realizou-se entretanto, em 14 e 15 do passado mês, o I PLENÁRIO NACIONAL DA FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE CINECLUBES. Com a participação de quinze dos dezoito cineclubes já aderentes à Federação (ABC de Lisboa, Barreiro, Braga, Católico do Lisboa, Católico da Maia, Coimbra, Guimarães, Imagem de Lisboa, Nascente de Espinho, Norte do Porto, Salesiano do Porto, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Universitário de Lisboa, Vilafranquense e Ilha Terceira), deu-se algum adiantamento ao primeiro destes três objectivos. A vivacidade das discussões, a quantidade das propostas alternativas e o número das intervenções levam-nos a estar optimistas em relação ao II PLENÁRIO DA FEDERAÇÃO, a realizar já no próximo fim de semana em Coimbra, nas instalações da Associação Académica local.

A participação do Cineclubista Nascente é importante. Do resultado do Plenário Nacional de Coimbra daremos notícias.

AGRADECIMENTO

Margarida Rodrigues Pereira da Silva

A FAMÍLIA agradece a todos quantos se integraram no funeral e na missa do 7.º dia



S. PEDRO

Dia 9, Quinta-feira

«POLÍCIAS E LADRÕES»

M/ 18 anos

A história desta «comédia» é acerca de dois polícias que nas horas vagas fazem uns assaltos. Muito edificante, não haja dúvidas. Quanto ao aspecto técnico nem é bom falar.

Dia 10, Sexta-feira

«EVA NEGRA»

M/ 18 anos

Fita de terror com cobras e lagartos, à mistura com cenas eróticas de trazer por casa. Ao fim e ao cabo, nem se chega a perceber se se queria meter medo ou se queria excitar a plateia. Uma baralhada de todo o tamanho.

Dia 11, Sábado

«O SABOR DA VINGANÇA»

M/ 18 anos

Com prazer assinalamos a pre-

sença de um «western» no verdadeiro sentido do termo. No género, foi do melhor que se estreou em 1977. A sua qualidade não é alheia de forma alguma a presença de Richard Harris. Se gosta, não perca.

Dia 12, Domingo

«NASCE UMA ESTRELA»

M/ 13 anos

Barbara Streisand depois de consagrada no mundo da canção, lança-se decididamente no «show-business» do cinema. Simplesmente aí falha um bocado. As canções que nos apresenta são muito bonitas, sim senhora, mas quanto à parte cinematográfica, com franqueza, é muito fraquinha. Que caramba, também não se pode ser bom em tudo.

Dia 14, Terça-feira

«O EXPLICADOR DE MATEMÁTICA»

M/ 13 anos

Aviso à população: qualquer semelhança deste produto com um trabalho de cinema, é pura coincidência. Embora seja falado em português, é de toda a conveniência mantê-lo afastado, dadas as suas perigosas e nocivas consequências para a saúde mental pública. Um alerta à brigada dos narcóticos.

farmácias

QUINTA — Grande Farmácia
Rua 62 n.º 457 — Tel. 920092

SEXTA — Farmácia Teixeira
Rua 19 n.º 46 — Tel. 920352

SÁBADO — Farmácia Santos
Rua 19 n.º 263 — Tel. 920331

DOMINGO — Farmácia Paiva
Rua 19 n.º 319 — Tel. 920250

SEGUNDA — Farmácia Higiene
Rua 19 n.º 393 — Tel. 920320

TERÇA — Grande Farmácia
Rua 62 n.º 457 — Tel. 920092

QUARTA — Farmácia Teixeira
Rua 19 n.º 46 — Tel. 920352

Snack-Bar do Casino restringe entrada

«Gostávamos que nos explicassem porque razão pretendem impedir que continuemos a frequentar o snack, pois consideramos que a atitude tomada é uma prepotência».

A isto se resume a expressão do sentimento de três jovens de cor que desde a passada semana se vêem impedidas de, como até aqui faziam, frequentar o snack-bar do Casino, com a menção de argumentos que não aceitam. A proibição de entrada naquele local levou-as a virem até nós e outros jornais, para, de alguma forma, forcarmos uma justificação para uma atitude que não aceitam e para a qual elas e alguns amigos adiantam explicações e dúvidas que parecem um tanto estranhas. Ao que nos consta, das pessoas a quem pediram explicações não conseguiram obter senão respostas ambíguas e até contraditórias.

«Não estamos especialmente interessadas em que nos venha a ser novamente autorizada a entrada no snack, mas gostaríamos de saber o porquê de uma discriminação que consideramos injusta».

Mare Viva

SEMANARIO

Propriedade:

NASCENTE — COOPERATIVA DE ACÇÃO CULTURAL, S. C. R. L.

Fizeram este número:

Alvaro Matos, Ana Maria, António Letra, António Santos, Dário Capela, Eduardo Oliveira, Fausto Neves, Joaquim Fidalgo, João Barrosa, Jorge, Manuel Augusto, Morais Gaio, Moreira da Costa e Victor Sousa.

Colaboração especial:

Carlos Pinhão

Composição e impressão:

TIPOGRAFIA MENESES — COOPERATIVA GRAFICA DE ESPINHO, S. C. R. L.
RUA 14 N.º 903 — TELEF. 921016

Director:
ANTÓNIO SANTOS

Redacção:
RUA 62 N.º 251-1.º
TEL. 921621 — ESPINHO

FESTA POPULAR RECORDA

Dr. Ferreira Soares

O passado domingo, dia 5, animou Nogueira de Regedoura com uma festa popular, em frente ao adro da igreja, que teve como motivo a evocação do dr. Ferreira Soares, o «médico do povo», que ali viveu e morreu, caído às balas assassinas da Pide. O aniversário do nascimento do que também era conhecido por dr. Prata, foi assim assinalado por um bela festa a que até o tempo primaveril veio em prestar mais brilho.

Logo ao princípio da tarde, após a actuação de Fernando Marques e do T. P. E. com a peça «Rei com Crista de Galo» e perante vasta assistência, foram distribuídos os prémios aos melhores classificados das provas desportivas realizadas naquela manhã e que se inscreviam também nas comemorações.

Após a romagem ao túmulo do dr. Ferreira Soares, ali em Nogueira da Regedoura, e em que se guar-

NOGUEIRA DA REGEDOURA

dou um minuto de silêncio à memória daquele antifascista, o membro do Comité Central do P.C.P., José Barnardino, recordou o exemplo de Ferreira Soares como lutador antifascista, dedicado à causa dos oprimidos o «médico do povo» pôde brando que quando na clandestinidade o «médico do povo» pode encontrar a amizade e a protecção do povo de Nogueira, José Barnardino apontou a vida e sacrifício deste homem como exemplo que não pode ser esquecido por todos quantos lutam pela liberdade, pela democracia e pelo socialismo.

Seguiu-se depois a apresentação da peça «O Pão», pelo Grupo de Teatro Incrível Almadense. Depois de um grupo de música popular de Agueda, actuou o Coro Popular da Cooperativa Nascente, sucedendo-se a actuação de diversos cançonetistas e pelo Conjunto Típico «Conchas da Costa Verde» vindo a festa a terminar já pela noite dentro.

ANTA

Do sr. Gouveia de Sousa, que afirma veicular os sentimentos dos moradores de Pedregais recebemos a seguinte carta:

Os moradores do lugar dos Pedregais, estiveram e estão desde sempre votados ao ostracismo e esquecimento por parte da respectiva Junta de Freguesia de Anta. Para a citada Junta de Anta, resume-se à Igreja e seu adro nada mais, ficando este e mais lugares como o da Ildanha, com uma população que já deve ultrapassar o milhar, no mais perfeito esquecimento.

Mas, voltando aos Pedregais, a falta de água e esgotos, iluminação pública, a urgente construção de lavadouros públicos são qual «pão para comer».

Depois de um ano em que a estrada que liga Espinho a Grijó apresentava significativas covas, vem a Câmara — por intermédio de um empreiteiro já famoso neste género de obras — proceder às reparações de algumas dezenas de metros, da mesma rua, sem no entanto lembrar, que nesta localidade residem 71 famílias, dezenas de crianças, que têm que se deslocar para ir para a escola, etc.

Desta resolução tomada em gabinete, resultou que para se chegar a Espinho e vice-versa (por exemplo ao Hospital) se terá de fazer cerca de 11 km, pois não foi tomada qualquer precaução que permitisse no mínimo a passagem dos municípios sequer a pé.

Duas lâmpadas fundidas há mais de 9 meses, e já depois de dezenas de telefonemas para os respectivos serviços, para além de alertado o responsável pelos mesmos, inclusive o próprio Presidente da Câmara, o qual pediu que o pedido de reparação fosse em ofício — é de pasmar tanta burocracia. Estão no entanto, os residentes dos Pedregais, na disposição de enfrentarem o custo das referidas lâmpadas, se o orçamento municipal o

«PREOCUPANTE»

não puder suportar, só aguardando a respectiva autorização para tal.

Lamentam, também os munícipes desta zona e muito principalmente os que vivem no beco do lado sul, sentido poente-nascente, que fiquem privados de esgotos e água canalizada, não compreendendo a razão de tal facto.

Um dos principais problemas dos munícipes desta zona são os lavadouros. Lavar em ribeiros ao frio, chuva, vento e sol são alguns dos principais atractivos que oferecem tais condições às muitas mulheres de Pedregais e arredores. Seria insuportável ao município a construção de um lavadouro público?

Agradeciam os munícipes desta paragem que a digna Assembleia se desse ao incómodo de considerar estas mais que justas aspirações destes munícipes a fim de não se sentirem desiludidos por os terem eleito.

Augusto Gouveia de Sousa

NOTA DA REDACCAO

Como nos cumpria, fomos junto da Câmara Municipal para ai ouvirmos uma opinião sobre a matéria versada nesta carta. Foi-nos dito que a reclamação quanto à falta de saneamento básico estava até a ser ultrapassada, pois estão em andamento as obras de instalação de redes de esgotos, águas, condutas pluviais e cabos telefónicos àquela área.

A questão da estrada interrompida, agravada pelo mau tempo, resulta até do facto da complexidade de toda esta obra e aconteceu até que a instalação dos cabos telefónicos foi antecipada para se aproveitar o facto de já haver obras naquela estrada. O preço da envergadura destas obras traz consigo o aspecto negativo de a estrada estar praticamente interrompida, o que é no entanto preferível a que se tenha de encetar novas obras daqui a uns tempos. Aliás, foi ainda recentemente recomendado ao em-

FALANDO COM UM VELHO COMPANHEIRO

Trinta e seis anos passados sobre a sua morte, o dr. Ferreira Soares deixou o seu exemplo mesmo àqueles que o não chegaram a conhecer. Mas os que tiveram o privilégio de viver com ele o dia-a-dia não podem deixar de ter uma noção mais profunda do que foi o homem e a sua obra. Foi com uma destas pessoas que falámos, o sr. Elísio Mota, de 70 anos. Ouçamo-lo:

«Ferreira Soares foi director do jornal regional «A Charrua», onde teve grandes colaboradores como foi Octávio Sérgio. Como médico, era muito competente, dedicado aos doentes e carinhoso como já não se usa. Era pobre, mas muito consciente e evoluído nos meios de diagnóstico.

Era um homem muito alegre que gostava de viver. Profundamente amigo do povo, chegava mesmo a desprezar os seus próprios bens em favor dos mais desprotegidos.

Uma ocasião acompanhei-o numa visita a um doente, que estava num quarto de chão térreo e numa cama de ferro muito desconfortável. Depois de passar a receita, mandou aviá-la à farmácia. Quando lhe perguntaram quanto era da consulta, o dr. tirou da carteira uma nota (não sei se de vinte, se de cinquenta) e deu-a para comprar uma galinha. Mas não era muito abonado e muitas vezes

tive que lhe emprestar dinheiro. Nunca lho exigi, porque graças a ele a minha mulher e os meus filhos estão com vida.

Tinha uma visão política extraordinária. Em 1933 previu, num artigo da «Seara Nova», a guerra de 1939-1945, quando da ascensão de Hitler. Embora não reconhecesse em si grandes qualidades de político, tinha grande conhecimento de ciências políticas».

E falando da amizade que o povo lhe dedicava:

«O povo era extremamente amigo dele. Pouco antes do seu assassinato, veio um padre que o denegriu e que se pensa ter sido o seu delator: era o padre Joaquim Faria. Foi depois transferido quando lhe deram a entender que sabiam da sua traição.

Quando era perseguido escondiam-no nas suas casas, davam-lhe as chaves, davam-lhe de comer, etc. Na sua sepultura existia a árvore onde ele se escondia.

Assisti a actos de verdadeiro terrorismo quando vieram de metralhadoras para o matarem. Fecharam o trânsito na Estrada Nacional e só deixaram passar os que vinham matar.

O funeral foi enorme, uma coisa fantástica. O director da «Charrua» disse chorando: mataram um homem justo; a sua morte há-de ser vingada. Nada mais..

UMA FESTA PARA CONTINUAR

Posteriormente, contactámos com João Campos, elemento da Comissão Dinamizadora, que nos contou do modo como nasceu esta festa e prometeu que lhe seria dado um carácter regular:

«A festa correspondeu inteiramente à expectativa, que foi até ultrapassada. A população é imediatamente mobilizada quando se fala do dr. Ferreira Soares e basta dizer que colaboraram monetariamente para a festa cerca de 300 pessoas.

Depois do 25 de Abril ganhou-se a liberdade para se poder homena-

gear publicamente o dr. Ferreira Soares como era devido. Criou-se a Comissão Organizadora e iniciou-se uma campanha de fundos para a festa, que foi um êxito, como já disse. Pôde-se assim fazer uma festa que tem claro um conteúdo político, mas a que se juntou um carácter cultural e desportivo importante.

A Comissão não se vai ficar por aqui. Em 9 de Julho vai haver uma romagem ao túmulo do dr. Ferreira Soares no aniversário do seu assassinato e no próximo ano vamos reeditar esta festa e também melhorá-la.

preteiro que assegurasse uma passagem para peões, ainda que com prejuízo do andamento das obras.

Quanto às reclamações que dizem respeito aos Serviços Municipalizados, esclareceram-nos de que todos os pedidos ali chegados seguiram os trâmites normais, e que esta exposição (que reproduzimos) foi enviada aos S. M. E. pedindo parecer para a Câmara se poder pronunciar, numa das suas próximas reuniões.

OUVINDO A JUNTA

Posteriormente com o presidente da Junta de Freguesia de Anta, sr. Nogueira da Silva, tentámos saber a sua posição sobre esta reclamação dos moradores do lugar de Pedregais. O sr. Nogueira da Silva declarou-nos que realmente a Junta está ciente de todo este tipo de carências que não apenas de Pedregais mas de toda a freguesia em geral possui e tenta dentro dos seus limites suprir as necessidades mais prementes. Lamentou



ainda que, apesar das pessoas saberem que há sempre pessoas na Junta todos os dias das 19 às 20 horas e que está sempre aberta à população, suas críticas e sugestões, tenham recorrido aos jornais para fazerem as suas reclamações sem terem sequer comunicado primeiramente ao órgão autárquico da freguesia, o que seria mais lógico.

A paralisação dos ferroviários

Como por todo o País, também a Estação de Espinho foi um testemunho da paralisação dos ferroviários. Os comboios pararam entre as 10 e as 14 horas do passado dia 2 e em Espinho aconteceu mesmo ter ali estado durante todo aquele período um comboio de emigrantes, procedente de França e com destino ao Porto.

Na base desta paralisação nacional, está como é sabido, a recusa do Conselho de Gerência da C.P. em satisfazer as reivindicações apresentadas pelos trabalhadores desta companhia. Os esforços da Comissão Negociadora Sindical arrastam-se desde Abril sem qualquer êxito e daí o processo de luta há meses iniciado e que se tem revestido na forma de paralisações periódicas de poucas horas, que desta feita atingiu o seu período mais longo desde então: quatro horas.

«Na minha opinião, esta greve é mais do que justa», dizia-nos um dos trabalhadores da Estação de Espinho. «Não se compreende que os pilotos da T. A. P. tenham aumentos de ordenados de dezenas de contos e que a nós não nos queiram dar um aumento geral de 1.400\$00. A C. P. pretende fazer um aumento geral de 15%, o que vinha favorecer principalmente os que já ganham mais e não é isso o que nós queremos».

Salientou-nos o facto de terem também aderido a esta greve os trabalhadores das cantinas e infantários da C. P. e acrescentou: «Há greves com que não concordo quando são feitas à balda e sem razão. Mas esta é uma greve justíssima».

A adesão a esta forma de luta foi também focada por este trabalhador: «Aqui toda a gente aderiu. Só o chefe da Estação é que queria mandar seguir o comboio, mas o maquinista não se deixou levar».

Falou-nos ainda de outras reivindicações que, para além dos salários, também não foram atendidas «Também nos foi recusada a concessão de um subsídio de alimentação de 35\$00 para os locais onde não haja cantinas da C. P., assim como os 400\$00 de diuturnidades. A C. P. só nos quer dar 200\$00, enquanto que há trabalhadores da função pública que têm diuturnidades de mil escudos. Ainda por

cima querem-nos tirar algumas regalias, como, por exemplo, o pagamento das horas extraordinárias a dobrar».

Pudemos ainda falar com um passageiro que ali fazia horas até à chegada do seu comboio: «Acho que a greve de zelo era melhor para eles obterem o que querem e com a vantagem de não atingirem o público. Esta assim pouco afecta a C. P. e torna-se difícil a companhia ceder. Mas acho que os ferroviários têm direito a utilizar a greve para lutarem por melhores condições de vida como quaisquer outros trabalhadores. E ao fim e

ao cabo até escolheram as horas que menos podiam prejudicar o público».

Registe-se ainda que o Conselho de Gerência da C. P. fez paralisar muitos comboios no período anterior e posterior à greve, agravando ela própria os prejuízos do público e tentando assim provavelmente virar a população contra os trabalhadores.

Não teve no entanto qualquer sucesso, pois a generalidade dos trabalhadores utentes compreenderam e apoiaram, por todo o País, esta forma de luta dos seus camaradas ferroviários.

Comissão de Trabalhadores dos Serviços Municipalizados de Espinho

— NOVAS ELEIÇÕES

As eleições para a Comissão de Trabalhadores dos Serviços Municipalizados de Espinho têm sido motivo de alguma controvérsia, que acabou por culminar com a anulação do primeiro acto eleitoral e a marcação de um segundo para o passada segunda-feira.

Na base do problema surgido, esteve o processo de escrutínio no qual foram anulados cinco votos à lista B, que assim veio a ser vencida por um voto pela lista A (52 contra 51). A lista B contestou o critério utilizado pela Comissão Eleitoral para a anulação dos votos, o que não impediu que a lista A fosse entretanto empossada.

No entanto, e após a consulta de juristas por parte da Comissão Eleitoral e da lista B, ambas as listas vieram a reconhecer a necessidade de se proceder a novas eleições, embora com argumentos diversos.

A lista A, num seu comunicado

reafirma a sua convicção de que aqueles cinco votos foram bem anulados, mas entende que a razão para a anulação reside apenas no facto de as listas usadas no acto eleitoral serem transparentes. Adianta ainda que «não é também seu desejo dividir os trabalhadores dos S. M. E. concentrando-lhes a atenção na discussão de problemas de nulidade, quando há tantos e tão importantes problemas dos trabalhadores a resolver».

Por seu turno, a lista B declara que a Comissão Eleitoral agiu antidemocraticamente com a sua decisão de anular os cinco votos e acusa a lista A de ter apoiado a realização de novas eleições só depois de os processos dos diversos juristas apontarem todos nesse sentido.

Em conclusão, veio a realizar-se na passada segunda-feira o novo acto eleitoral, cujos resultados não conhecemos dada a hora tardia a que a eleição se realizou.

PROFESSORES

Quando há uma semana anunciámos a paralisação dos professores no dia 2, fazíamos-lo baseados numa decisão saída do plenário de professores da Zona Norte, realizado no dia 20, e no qual foi aprovada uma proposta nesse sentido. E apesar da direcção do S. P. Z. N. se dizer alheia a essa forma de luta, poderiam estar reunidas as condições para que aqui na Zona Norte os professores acompanhassem os da Grande Lisboa, onde a paralisação foi uma realidade.

Só que nos enganámos quando pensámos que a direcção do S. P. Z. N. permaneceria como simples espectador dos acontecimentos. Assim, e depois de demorar mais de uma semana a divulgar aquela decisão do plenário, o S. P. Z. N. conseguiu confundir ainda mais a classe tão mal informada, convocando duma assentada duas assembleias gerais: uma para o dia 31, quase em cima da hora, e outra para o próximo dia 16, em que,

mesmo antes de saber o que se decidiria no dia 31, a Direcção já anunciava um referendo para consulta da classe quanto à possibilidade de uma greve.

Dando assim a entender que a paralisação do dia 2 já estava ultrapassada, a direcção do S. P. Z. N. conseguiu criar a confusão suficiente para que quase nada se fizesse. Levou ainda com uma moção de censura na A.G. de 31, mas isso já não impediu a confusão estabelecida e poucas foram as escolas onde se cumpriu a resolução do dia 20. O despacho do M.E.I.C., que ameaçava com faltas injustificadas quem parasse no dia 2, fez o resto. Isto apesar deste despacho ter sido posteriormente considerado ilegal pela Comissão de Trabalho da Assembleia da República.

Resta ver até onde irá a direcção do S. P. Z. N. na negação do seu papel de aglutinadora da classe e aguardar se sempre vai para a frente o referendo por ela proposto e que é anti-estatutário.

C. G. T. P. em Plenário

Face à constituição do governo P.S.-C.D.S., o Secretariado da C.G.T.P.-Intersindical já havia manifestado a sua posição de desconfiança pela integração do C.D.S., mas havia remetido uma análise mais profunda da posição dos trabalhadores perante este governo, para um plenário nacional. Plenário que se veio a realizar no passado sábado, dia 4, com a presença de cerca de 240 sindicatos, quarenta dos quais não filiados na C.G.T.P.

Como se esperava, o plenário veio a reflectir as posições da maioria esmagadora dos trabalhadores portugueses, que com as votações nas eleições sindicais têm vindo a reforçar o seu apoio ao movimento sindical consubstanciado na Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses e que não podem deixar de contestar um governo para cuja formação não foram ouvidos.

Com a agravante de integrar elementos que votaram contra a Constituição, o novo governo continua a não oferecer a mínima garantia de velar pelos interesses dos trabalhadores, que neste plenário, se mostraram firmes na disposição de se oporem a qualquer tentativa de eliminarem as suas conquistas e de agravarem as suas condições de vida.

Da resolução final deste plenário da C. G. T. P. destacam-se pela sua importância os seguintes pontos:

— O Secretariado fica mandatado para apresentar ao Governo e restantes órgãos de poder as reivindicações contidas no documento ali aprovado.

— A recomendação a todas as Federações e Sindicatos que representem trabalhadores abrangidos por Contratos ou Portarias com tabelas salariais em vigor há mais de um ano para apresentarem ao patronato propostas de revisão e actualização salarial.

— A promoção pelo Secretariado Nacional de todas as acções necessárias, nomeadamente, e quando oportuno, a definição e marcação de uma jornada de luta nacional, com vista à defesa dos interesses dos trabalhadores.

Esta resolução estabelece ainda algumas reivindicações fundamentais dos trabalhadores, designadamente, a exigência do respeito pela Constituição e o combate às tentativas de a sua revisão, a defesa das grandes conquistas da revolução e o reconhecimento à participação dos trabalhadores na definição de uma política que possa conduzir à resolução dos seus problemas e do País.



"O VIVEIRO"

Aves - Peixes
Gaiolas nacionais e estrangeiras
Aquários - Alimentação
Pombos Correios - Pintos do dia

Rua 23 n.º 51 e 52
Telef. 921622
Merc. Municipal — Espinho

GESTÃO DO LICEU

RECONHECE GRUPO PROVOCADOR

o nosso contributo para a alteração de uma situação que consideramos profundamente errada.

CRONOLOGIA

1976

MARÇO

- 10 — Alguns incidentes na sequência de uma reunião geral culminam em manifestações de rua.
- 11 — Boicotada a comemoração da derrota do golpe reaccionário, inclusivamente com a intervenção de elementos estranhos. A polícia comparece no Liceu.
- 13 — Manifestação por elementos da Juventude Centrista percorreu as ruas de Espinho, concentrando-se junto ao Centro de Trabalho do PCP.
- 15 — Atentado à bomba contra o C. T. do PCP.
- 18 — Intimidação a um estudante progressista.

JULHO

- 3 — Afixada propaganda provocatória assinada por «Brigada Adolfo Hitler».
- 7 — Estudantes, em reunião geral exigem que sejam retirados os panfletos provocatórios.

NOVEMBRO

- 11 — Comemorações do aniversário da independência da República Popular de Angola interrompidas por elementos estranhos ao liceu que provocam graves incidentes.
- 18 — Novamente indivíduos estranhos ao liceu geram ali graves incidentes, agredindo e ameaçando estudantes.
- 19 — Comunicado do Grupo de Trabalho Estudantil em que se faz o ponto da situação.
- 20 — Comunicado do Movimento Avançado de Comandos Anticomunistas (MACAC).
- 25 — Após insistentes ameaças, e ao apelo do Grupo de Trabalho Estudantil, largas dezenas de alunos erguem baragens junto aos portões do liceu, efectuando um apertado controlo de entradas e evitando a invasão, não sem que se dessem incidentes de alguma gravidade.
- 26 — Comunicado da Frente Revolucionária Anticomunista (ex-MACAC).

DEZEMBRO

- 2 — Estudantes repudiam, em RGA, os incidentes provocados pelos bandos nazi-fascistas.
- 2 — Lista reaccionária concorrente à direcção da Associação de Estudantes convoca elementos estranhos para a «segurança» de uma sessão de esclarecimento.
- 12 — Eleições. Provocadores munidos de aparelhos de comunicação causam incidentes nos portões do liceu.
- 16 — Conferência de Imprensa do Grupo de Trabalho Estudantil.

1977

NOVEMBRO

- 16 — Cartaz com louvores a Salazar.
- 18 — Cartaz assinado pela FNLA e UNITA.
- 25 — Cartaz de uma «Comissão de limpeza do ambiente» com diversas provocações.

continuação da página 1

- 26 — Cartaz do Nucleo de Intervenção Estudantil Anticomunista (NIEAC)
 - 28 — Cartaz do mesmo grupo.
- JANEIRO — 1978
- 27 — Cartaz do NIEAC, afixado com autorização do Conselho Directivo.
 - 28 — Conselho Directivo censura comunicado de uma lista unitária concorrente à Direcção da Associação de Estudantes.
 - 31 — Comunicado do Grupo de Trabalho Estudantil.

— O QUE ELES DIZEM

«(...) Senhores Comunistas, também sabemos odiar, e temos uma ideia diabólica para defendermos os interesses liceais da vossa sombra (...).»

«(...) O vosso delírio de grandezas, de domínio liceal, anda associado ao vosso delírio persecutório. Mas, a partir do passado dia 11, foi a ambição de subir depressa que levou a procurar celebridade nos derramamentos de confusão (...).»

«(...) Mas nós, alunos conscientes antiesquerdistas, também começamos a odiar: não os estudantes incultos, que vocês massacram, mas a vossa sombra»
(Com. do MACAC — 20/11/76)

«Os fantoches da UEDP e da UEC denunciaram uma grave ofensiva, dita fascista, nas escolas, di-



É este o documento que o «NIEAC» apresentou para se «legalizar». Nem a palavra «morte» lá falta, a dar o tom...

vulgando nomeadamente os nomes dos alunos defensores e portadores das liberdades democráticas (...).»

«(...) A degradação do senso moral, leva a besta comunista a considerar como reaccionários esses alunos (...).»

(Com. FRAC — 26/11/76)

Vale mais ser cão nos E. U. A. do que ser homem na URSS

(Cartaz das Brigadas Adolfo Hitler — 3/6/76)

Se queres o liceu limpo, limpa um comunista por dia.

(Cartaz da Comissão de limpeza do ambiente — 26/11/77)

A RESPOSTA DOS ESTUDANTES

«(...) No dia 18, dois estudantes são interpelados no caminho para o liceu sendo-lhes pedidas, no meio de ameaças, contas de acções imaginárias. As ameaças de transformar o nosso liceu num campo de batalha sucedem-se («... os discursos de Mussolini entrarão aqui à paulada, por exemplo»).

«Indivíduos estranhos ao liceu, à semelhança do que se passou no dia 11, tentaram semear a confusão e, convidados a sair, não hesitaram em agredir estudantes». (Grupo de Trabalho Estudantil, 19/11/76)

continua na página 6

VENDER MELHOR E MAIS BARATO

continuação da página 1

em grande número, o certo é que as primeiras reuniões atraíram algumas dezenas de pessoas e agora, com a discussão dos estatutos, o número aumentou. Mas temos conhecimento de haver muito mais gente interessada em se ligar à cooperativa, embora não tenham ainda estado presentes às reuniões e assembleias.

M. V. — Aliás, seria muito estranho que as pessoas não mostrassem interesse por uma iniciativa que irá diminuir um pouco os problemas com que lutam para se abastecerem dos bens essenciais à sua vida diária...

Dias Carneiro — Pensamos, de facto, que uma cooperativa cujo objectivo principal é a defesa do consumidor, há-de, forçosamente, interessar muita gente. E quando falamos em defesa do consumidor queremos dizer coisas concretas, como vender melhor em qualidade, a preços mais baratos e ninguém estranhará se dissermos também vender as mercadorias com o peso certo. Estes objectivos assim mais imediatos que a cooperativa pretenderá atingir serão completados por outros de formação de cooperativistas, de divulgação de pequenos cursos de economia doméstica e outros.

Fernando Meneses — Por tudo isto, estamos mesmo a ver que há uma grande camada da população, aqueles que têm menos possibilidades económicas, que poderá beneficiar bastante. E, de facto, durante estes meses todos não fal-

tava quem viesse perguntar se isto ia para a frente ou não.

M. V. — E neste momento, com os estatutos aprovados, está cada vez mais perto da concretização dos vossos esforços. Que passos falta ainda dar até lá?

João Carapeto — Não há dúvida que a aprovação dos estatutos foi um momento importante. Agora aguardamos a aprovação do nome da Cooperativa para podermos fazer a sua legalização, o que deverá ser feito ainda até meados de Fevereiro, com a assinatura da escritura. Entretanto, continuamos os nossos contactos com a Direcção Geral do Comércio e o Inscoop (Instituto António Sérgio), por forma a ir adiantando tudo o mais depressa possível.

Fernando Meneses — Convém aqui referir que nós estamos a alargar o prazo da assinatura da escritura para que todos os interessados em subscrever acções da cooperativa possam vir a fazer parte do grupo de associados que assinarão a escritura. O capital a investir por cada interessado em fazer parte da cooperativa é de 2.000\$00, que podem ser pagos em prestações mensais de 200\$00. O pagamento da primeira mensalidade, se for feita rapidamente, permitirá também a participação na próxima eleição para os corpos gerentes.

M. V. — E esse capital investido poderá vir a ser recuperado pelos sócios da cooperativa?

O. Moutinho — Bom, é claro que

cada vez que fizer compras na cooperativa o sócio estará a recuperar esse capital, pois comprará melhor e mais barato. Não nos podemos esquecer que só os sócios terão direito aos serviços da cooperativa. Além disso, há a possibilidade de um retorno de excedentes no fim do ano, isto é, poderão ser distribuídos pelos sócios bens de consumo em função das compras que tiverem efectuado.

M. V. — E como encaram a questão das instalações, o que não deve ser problema fácil de resolver?

Casal Ribeiro — Uma das mais importantes tarefas para a nova Direcção será a de instalar a cooperativa. A hipótese que nos parece mais viável é a utilização das instalações do antigo supermercado DOMUS, para o que já estabelecemos contacto com a UNICOOPE, no sentido de conseguirmos o trespasso das instalações. Isso já está até mais ou menos combinado e se se vier a concretizar permitirá adiantar bastante o momento de a cooperativa entrar em funcionamento.

Está apresentada a futura, e num prazo que se deseja breve, cooperativa de consumo de Espinho. Está à vista a concretização de uma iniciativa de grande interesse social. De esperar, ainda, que cresça a participação das pessoas, sobretudo, como nos foi referido, do sector feminino, que se desejaria até ver representado nos Corpos Gerentes a eleger.

De Semana a Semana

continuação da página 1

deputados que se vão levantar na A. R. para dizerem sim ao programa do governo possam ter ilusões quanto ao número dos seus eleitores que naquela altura se solidarizam com eles.

Mas não tenhamos dúvidas. Se não tivesse importantes apoios, este governo não existiria. E se não os encontrámos cá dentro, só nos resta procurá-los lá fora. Seremos então obrigados a conjecturar se a este governo será estranho o facto de os dois partidos nele representados terem a confiança de duas das mais fortes organizações políticas da Europa capitalista, a Internacional Socialista e a União Europeia das Democracias Cristãs. Não sabemos se chegaram a entrar nas negociações do «acordo-de-incidência-governamental», mas quase juraríamos que não estão desgostosas. É que se o estivessem, por certo que ninguém teria a imaginação suficiente para inventar este governo.

A coisa começa a ter a sua explicação, mas talvez se explique melhor ainda se nos lembrarmos do homem que menos escondeu a sua satisfação com a formação deste governo: o sr. Carlucci.

Um homem que respirou fundo, limpou a testa, desceu as mangas da camisa, apertou os botões de punho e, já de casa-co vestido, pôde chegar à sede do Pentágono e dizer àqueles que o nomearam n.º 2 da C.I.A.: dever cumprido.

Gestão do Liceu

continuação da página 5

«A ordem consentida que todos pretendemos construir no liceu, tem sido posta em causa pela intervenção de indivíduos não alunos (...).»

(Da moção aprovada em RGA a 2/11/76)

«(...) Saudamos todos os estudantes que participaram nas acções que então (o ano passado) levámos a cabo, desde o simples abaixo-assinado, ao levantamento de barragens junto aos portões da nossa escola.»

«(...) Não podemos deixar de manifestar a nossa solidariedade militante para com todos os nossos colegas que ali (no liceu) se vêem hoje a braços com mais uma investida das forças nazi-fascistas.»

«Só com a unidade de todos os antifascistas será possível erguer uma barreira eficaz contra o nazismo e todas as suas capas mais ou menos legais, chamem-se elas Juventude Centrista, MIRN, ou outra coisa qualquer.»

(Comunicado do Grupo de Trabalho Estudantil — 31/1/78)

Filomena Maia Gomes

— ADVOGADA —

ESCRITÓRIOS

Rua 31 de Janeiro, 45-2.º — Tel. 21939

PORTO

Rua 19 n.º 343, 1.º-Sala E — Tel. 922954

ESPINHO

Direcção da Académica insiste

Continuação da página 1

foi transmitido à direcção o programa de uma festa para crianças e realizar na 2.ª feira de Carnaval no âmbito das actividades daquela secção. Entre os convidados para animarem a festa contava-se o grupo de fantoches «Espantalho», da Cooperativa Nascente, que tendo embora sido também vítima da medida «purificadora» tomada no ano passado, pois fazia então parte da secção cultural da AAE, decidira aceitar o convite já que nem a secção de Ginástica, e muito menos as crianças, eram responsáveis por aquela medida.

Simplesmente, a direcção da Académica ficou, pelos vistos, altamente preocupada com a possibilidade de as crianças as-

sistirem ao espectáculo do teatro de fantoches (ou ter-se-ão enervado por descobrirem que se aceitassem a participação do grupo iriam reconhecer oficialmente a sobrevivência e progresso de uma ex-secção do clube que pretendiam liquidar?) e decidiu doutoralmente que festa sim senhor, mas teatro de fantoches não senhor.

E assim um grupo que existe para as crianças se viu impedido de mais uma vez mostrar o seu trabalho, assim a festa das crianças da ginástica ficou mais pobre. Tudo porque ainda há quem ao ouvir a palavra cultura puxe ... da arbitrariedade e da curteza de vistas.

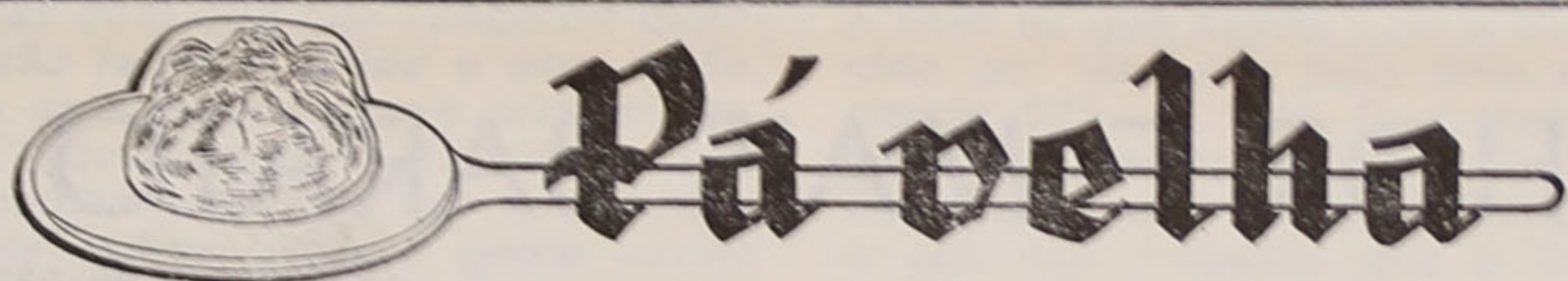
AVISO

Para conhecimento de possíveis interessados se publica que o Hospital Concelho de Espinho, necessita de serviços de um Médico Especialista de Radiologia para chefiar o seu Departamento de Raios X.

As condições respectivas serão facultadas pela Comissão Instaladora, durante o prazo de oito dias a contar da data do presente Aviso, na Secretaria do Hospital.

Espinho, 1 de Fevereiro de 1978

A Comissão Instaladora



Pá velha

Confeitaria * Charcutaria

Especializada em **caladinhos - raivinhas - fogaças** (fabrica diário)

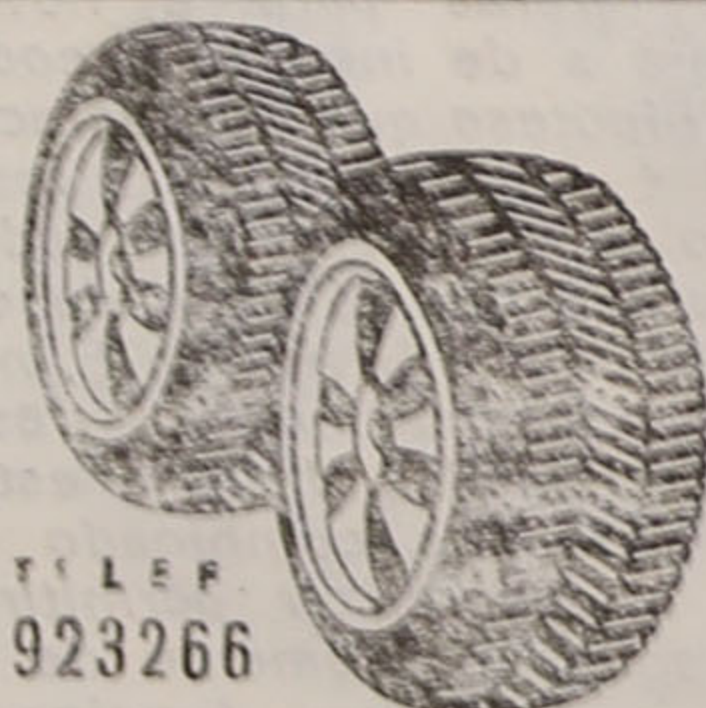
Angulo das ruas 23 e 20 - Tel. 922514 - ESPINHO

CASA RAICA

Modas e Confeções

RUA 62 N.º 101

ESPINHO



PNEUS CAR

CENTRO DE VENDAS DE PNEUS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Assistência Técnica

— Alinhamento de Direcções
— Vulcanização de Câmaras
— Equilíbrio de Rodas

Rua 18 n.º 1010 — ESPINHO

TEL. 923266

TELE-ROCHA

Electrodomésticos — Rádio e TV — Sonapgas

Instalações Eléctricas — Canalizações — Móveis e Decorações

Assistência Técnica em todo o material

Estabelecimentos: Rua 18 n.º 988 — Rua 31 n.º 469

Oficina: Rua 31 n.º 414 — Armazém: Rua 16 n.º 1005

Telefs. 920977 e 920325 — ESPINHO

VISTA OS SEUS FILHOS
NA

BOUTIQUE MI

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

RESTAURANTE KATKERO

R. 15 n.º 270 — Tel. 922856
ESPINHOUm local aprazível,
um serviço esmeradoServiço de
Restaurante e Banquetes

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO

EDITAL N.º 5/78

Artur Pereira Bártolo, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Espinho:

Faço público que esta Câmara Municipal, em sua reunião ordinária de vinte do corrente, deliberou abrir novo concurso para entrega de propostas nas condições existentes na Secretaria Municipal e que se encontram patentes aos interessados todos os dias úteis, dentro das horas normais de expediente, para exploração de duas montas na passagem inferior ao caminho de ferro no período de Março a Dezembro de 1978.

As propostas terão de ser entregues até às 17 horas e 30 minutos do dia 20 de Fevereiro de 1978 em envelope fechado e lacrado, com a indicação do concurso a que se destina, sendo abertas em primeira reunião ordinária que se seguir.

E, para constar, se passou este e outros do igual teor que vão ser afixados nos lugares do estilo e publicado nos jornais «Defesa de Espinho» e «Maré Viva».

Quiosque Subterrâneo

Jornais - Revistas - Tabaco

A SUA MÃO

na passagem sob a via férrea

ALFAIATARIA MANO

José Ricardo Mano

Executa com perfeição todo o serviço para homem, senhora e criança

Rua 30 n.º 731 — ESPINHO
Telef. 921823

A MODELAR

ÓPTICA — RELOJOARIA
OURIVESARIA — OFICINASRua 16 — Mercado Municipal
ESPINHO

STAND SERZEDENSE

António Martins da Silva

Assistência Total

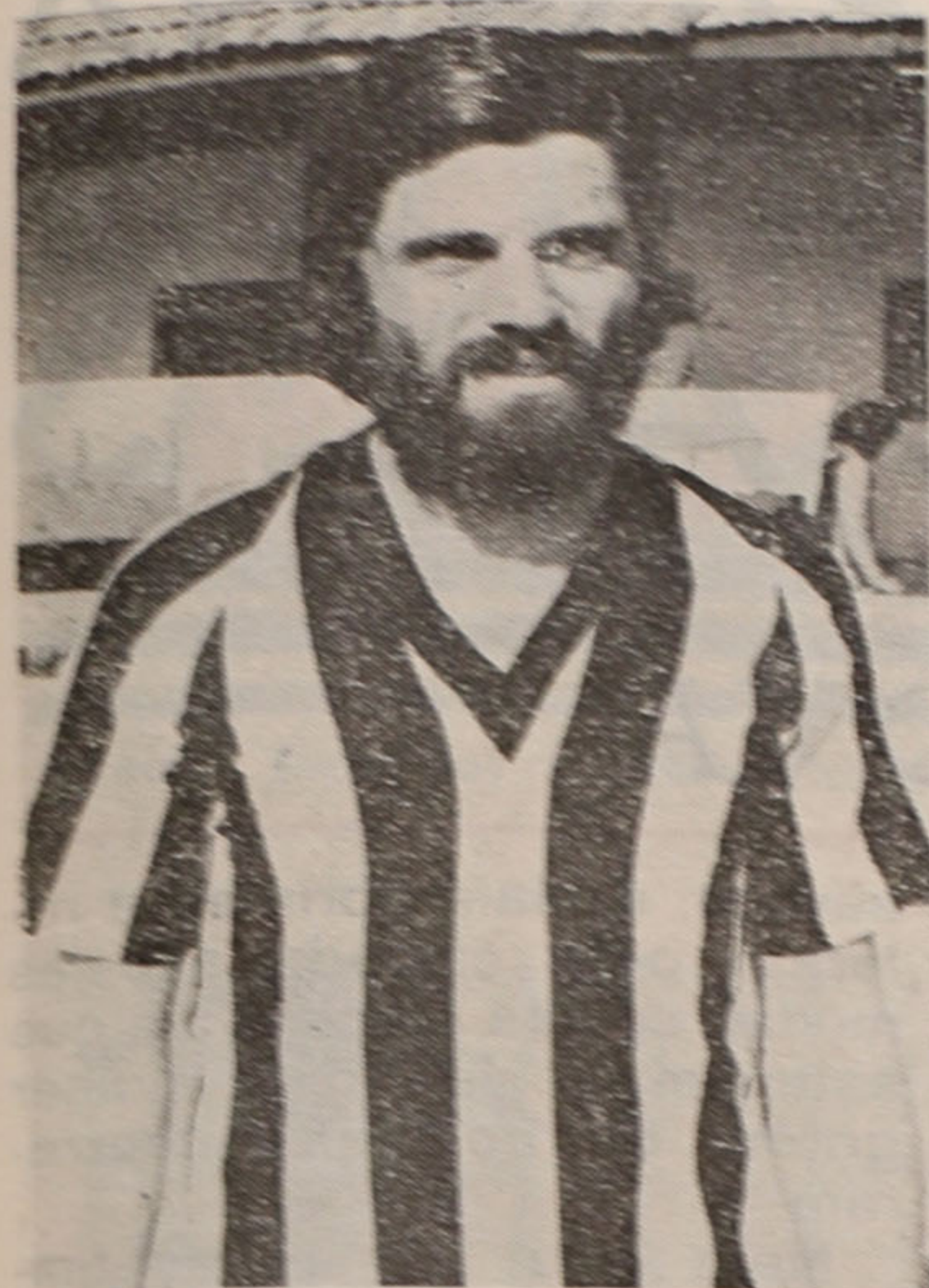
Agente: SACHS SIS — EFS

Tel. 9620675 — SERZEDO
V. N. DE GAIA

Espinho e Paços do Concelho, 1 de Fevereiro de 1978.

O Presidente da Câmara
Artur Pereira Bártolo

Maré Viva — N.º 83 — 8/2/78



REIS

«Ser convocado para os treinos da selecção constitui um estímulo!»

seu valor seja devidamente reconhecido. E não é que ser «internacional» constitua, na maioria dos casos, uma boa fonte de rendimento, tanto que algumas «vedetas» não apreciam muito as internacionalizações, mas para muitos jogadores, afastados do mundo fascinante e perigoso dos astronómicos contratos, ser convocado para um treino da selecção nacional, constitui um estímulo!

Com 25 anos de idade, natural de Macieira de Lixa, Leiria, profissional de futebol, REIS é, há duas épocas, o marcador de serviço da equipa espinhense. É o jogador que não deslumbra, não executa piruetas, mas marca, contribui decisivamente para os resultados da sua equipa. Começou a jogar futebol, como juvenil e júnior, no MARI-NHENSE passando depois pela ACADÉMICA (júnior e sénior), MARIALVAS, UNIÃO DE COIMBRA e LOUROSA até chegar cá. O melhor marcador do Sporting de Espinho na época passada, no campeonato e na «liguilla» (22 golos), conta 7 dos 19 marcados pela sua

equipa no presente Campeonato Nacional da I Divisão. Recentemente chama mais as atenções, já que foi convocado para os treinos das selecções «A» e «B», que em 8 de Março realizará dois jogos com a França.

«Fiquei surpreendido com a convocação mas ao fim e ao cabo toda a gente espera ser seleccionado. Considero que no ano passado, principalmente na 2.ª volta, estive em melhor forma que agora, apesar de não me sentir mal. Esta convocação acabará por ter importância, mesmo que não jogue, nem que seja no campo moral. Na minha equipa existem mais jogadores com valor para poderem ser chamados, mas isso não é comigo».

A carreira do Espinho tem sido positiva? A primeira derrota em casa terá sido justa? E fora, porque só um empate? Será desafiado o futuro da equipa?

Questões postas umas atrás das outras, a que REIS responde, calmamente, como é seu estilo.

«O Sporting de Espinho tem um «plantel» reduzido, mas com valores suficientes para se manter, dependendo a permanência de muitos factores, entre os quais, a própria sorte. Quanto aos jogos fora, só dois dentro da lógica seriam para pontuar (Estoril e Feirense), os outros eram para perder, mas perdemos sempre sem fugir à luta. É natural que exista uma certa inibição, mas não será por isso que só temos um empate fora de casa.

No jogo com o BELENENSES, aconteceu futebol, a vitória não foi justa, lutámos o suficiente para vencermos. Foi a equipa que mais e melhor se defendeu aqui no campo de Espinho. Fizemos tudo, mas os «zeus» acumularam muito jogadores à entrada da área, sendo difícil entrar. Apanhámo-nos, de repente, a perder por dois a zero, o que nos tirou um bocado de discernimento.

O próximo jogo com o GUIMARÃES, é mais um difícil, mas, estou convencido, que não virá jogar como o BELENENSES. Precisamos de vencer!

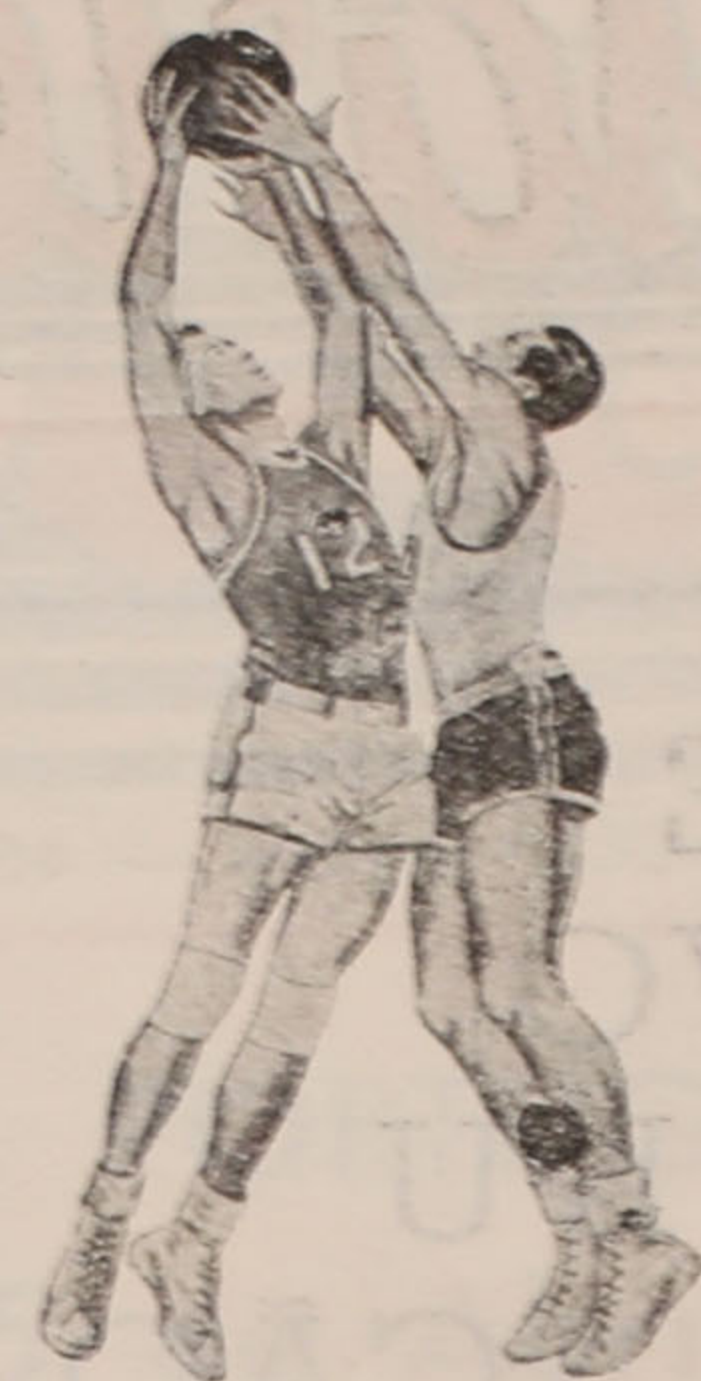
A segunda volta é o que se pode chamar de terrível. Vamos tentar fazer o maior número possível de pontos em casa, apesar de termos de defrontar os adversários mais difíceis e ir buscar alguns fora contra equipas da nossa igualha. Das equipas que militam no campeonato a que mais me agradou, que praticou melhor futebol, foi o SPORTING DE BRAGA, que nos fará suar muito aqui no Avenida».

Considerado um jogador lento por diversos adeptos dos «tigres», REIS é indiferente às acusações que lhe fazem.

«Cada jogador tem as suas características próprias. Eu jogo deste modo. Contudo, com a minha lentidão toda consigo ser o melhor marcador de todas as equipas em que tenho jogado».

Futuro para futebolista profissional, é a incerteza!

«Existem jogadores de futebol com o futuro assegurado, a maioria não o tem. É uma profissão difícil, que não dura toda a vida, passa-se a maior parte do tempo afastado da família. Tenho contrato com o Espinho por mais uma época e, depois se verá. Quanto ao meu futuro depende de muita coisa, acho que é muito cedo para pensar no que virei a fazer».



DESPORTO

RESULTADOS

HÓQUEI EM PATINS

INFANTIS

Oliveirense, 3 — A. A. E., 4

INICIADOS

Oliveirense, 0 — A. A. E., 20

JUNIORES

Aguias, 0 — A. A. E., 1

HÓQUEI EM CAMPO

HONRA

Lamas, 3 — A. A. E., 0

RESERVAS

Lamas, 1 — A. A. E., 0

— X —

PRÓXIMO FIM-DE-SEMANA

Pavilhão da A. A. E.

Sábado, 11 — às 22 horas

Campeonato Nacional da II Divisão

VOLEIBOL

A. A. E. — Madalena

Domingo, 12

HÓQUEI EM PATINS

INFANTIS

10 horas

A. A. E. — Infante

INICIADOS

10,45 horas

A. A. E. — Infante



FUTEBOL

JUVENIL

Juvenis

Espinho, 1 - Valecamb., 1

ESPINHO — Ricardo; Quintela, Vitor, Maia e Brito; Sarabando (1) (cap.), Gaspar e Sotomaior (Cantara); Moreira, Castro e Bia (Hermínio).

Juniores

Espinho, 3 - Cucujães, 1

ESPINHO — Toni; Castro, Rui (1) (Gomes), Cancela e Brito; Octávio, Maia e Marques (cap.); Malheiro, Rocha e Herminio (2).

— X —

As equipas de juvenis e juniores do Sporting Clube de Espinho continuam isoladas no comando das respectivas distritais de Aveiro. Os juvenis com fortes possibilidades de se classificarem para o Nacional da presente época, já que são apuradas cinco equipas, apesar de terem empatado no seu terreno com o principal rival, VALECAMBRENSE, num jogo bastante aguerrido, bastante vivido pelos jogadores, mas com um futebol praticado uns pontos abaixo do nível técnico usual. Empate que é prémio para o esforço das duas equipas, demonstrando que os espinhenses não conseguiram levar a melhor sobre a organização da turma opositora.

Os juniores comandam separados por três pontos do LOUROSA, a equipa que bateu na 1.ª volta por 1-0 e que terá de a receber agora na segunda metade do campeonato, esperando-se muitas dificuldades. Na 13.ª jornada bateu o CUCUJÃES por 3-1, com sérias

dificuldades, já que os opositores não viraram a cara à luta e porque a defesa local esteve bastante insegura. A vitória não deixa de ser justa, apesar do aparente nervosismo, da desorganização, do excesso de passes curtos que serviam os intentos do adversário. Mas para ser comandante entre doze equipas, para ter 30 golos marcados e 8 sofridos, apenas um empate (Ovarense, 0-0) e uma derrota (Beira-Mar, 1-2), terá que valer mais do que mostrou no passado sábado.

E estas equipas orientadas por João Félix, terão de ser mais apoiadas pelo público. Parece que se sentem diminuídos a jogar em casa. E não é que não haja assistência! Comparece sempre bastante gente só que não ajuda, não aplaude, antes pelo contrário. Convencidos que estão doutorados por centenas de domingos como espectadores de futebol profissional, vão para lá criticar, acusar de azelhas, de incapazes, os jovens que praticam desporto por desporto. Não serão todos, mas na maioria do público sente-se um certo ar de superioridade perante jovens que estão a aprender a jogar, que se estão a formar como futebolistas.

Se nos seniores a equipa marca um golo consentido pelos visitantes, isso não interessa vamos mas é aplaudir, pois o importante é o avanço no marcador. Mas se os juniores marcam um golo porque o guarda-redes adversário cometeu uma fífia, é rir, é dizer que só assim é que metem golos. Não estamos apelar, claro, para o histérico colectivo, para a explosão irracional, só achamos que estes jovens merecem um incentivo. Só achamos que não nos devemos armar em catedráticos, quando muitos dos presentes nem sequer sabem dar um chute na bola.

CENTRO DE ENFERMAGEM DE ESPINHÔ Rua 16 n.º 868

Todo o serviço de enfermagem no Centro e ao domicílio. Aluguer de oxigénio e camas articuladas

Horário: 9 às 12,30 e 14 às 19 horas
Domingos e Feriados 10 às 12 horas
Telefones 921587 e 922329

Pinto de Matos

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausane e Edimburgo
Fracturas e Doenças dos Ossos e Articulações
Rua 19 n.º 364-1.º — Telef. 921218
ESPINHO

RE VO LU ÇÃO CÃO

O cão tem a ver
com a Revolução.
Se não fosse a cedilha
percebia-se à maravilha
mas há também
a rima de Abril
com o triste canil
com a vida de cão
que era o nosso fado.
Agora com a Revolução
vai melhor, muito obrigada
Ainda há muita coisa bera
mas já não é o que era.

CÃO EM PROVA

Vou contar uma história de cães.

Uma história autêntica, passada em Lisboa, na Rua do Alecrim, que é uma calçada muito inclinada.

A Rua do Alecrim tem, lá ao cimo, uma praceta onde há uma estátua (de um grande escritor português que se chamou Eça de Queirós) e onde há também um Quartel dos Bombeiros.

E os cães?... Calma, amigos, que os cães já lá vêm... Olhem, lá vem a subir a calçada e, por sinal, a fazer uma figura muito ridícula, porque a dona, muito vaidosa, lhe prendeu um chapelinho muito parvo na cabeça e o obriga a trazer na boca uma ma-

linha de mão.

O cão vai triste.

A dona vem alegre, como que a mostrar ao público aquelas habilidades sem graça do cachorro contrariado.

Até que chegaram (a mulher e o cão) junto do Quartel dos Bombeiros.

Como vêem, não falei no Quartel por acaso. É que, nesse Quartel, havia outro cão, um cão grande e muito esperto que era a mascote dos Bombeiros e que começou logo a rosar, mal viu o amigo naquele embaraço e a mulher naquele disparate. Rosnou, ladrou, atirou-se a ele, atirou-se a ela e foi uma confusão dos diabos: o chapelinho do cão ficou pela

sarjeta, a mala abriu-se e rolaram pela calçada aquelas muitas coisas e coisinhas que estavam lá dentro, a mulher gritou, os bombeiros correram.

Nem vou contar tim-tim-por-tim-tim tudo o que se passou. Direi só que, dali por diante, o cão triste ficou alegre porque se libertou do chapéu e da mala e o cão dos bombeiros ainda foi um bocado a seu lado, como que a falar-lhe ao ouvido, a dar-lhe conselhos.

Quanto ao Eça de Queirós, também não falei nele por acaso. É que, lá na estátua assistiu a tudo e fiquei a pensar que isto contado por ele tinha muito mais graça.

Feira da Ladra

Feira da Ladra
não é essa ideia pateta
que tu tens.
Não é uma feira de cães.
Não quer dizer
que não apareça por lá
um ou outro cão
mas é uma feira lisboeta
de compra e venda
de coisas em segunda mão

Cão - Notícia

*Nos jornais
servem os cães
para definições.*

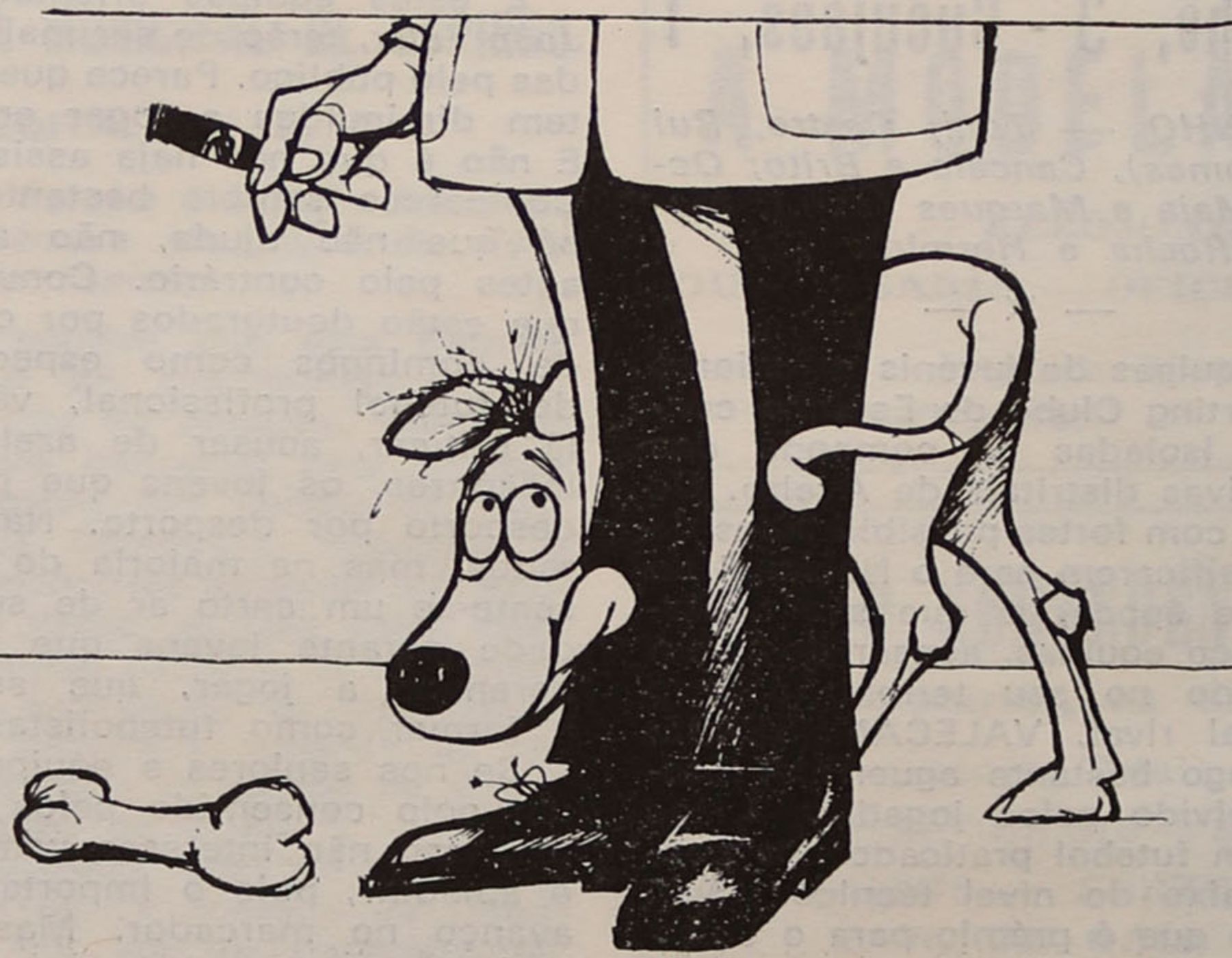
*Se o cão morde no homem
não é notícia
Se o homem morde no cão
é notícia.*

*E se o cão morde no cão?
Não temos nada com isso.
Se o homem morde no homem
depende do dente
se ferra um bom bocado
já é serviço.*

CLASSES

Há o rafeiro
em que apetece
fazer festas
e há o lambe-botas
lambe-notas
o lulu
em que apetece
dar um pontapé
... no traseiro.

A gente não dá
mas apetece.



CRÍTICA

Cão vaidoso
desenrola
... Lá porque teve um antepassado
chamado Diogo
que descobriu Angola

Uma página de CARLOS PINHÃO

TEATRO EM ESPINHO!!!

Dia 18, às 21.30 horas — no Salão da Piscina

"CONTOS CRUÉIS" pelo agrupamento **Seiva Trupe**



PORTE
PAGO